



A Santa Sé

HOMILIA DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II NA SOLENIDADE DA MÃE DE DEUS E DIA MUNDIAL DA PAZ

1º de Janeiro de 1998

1. «*Ao chegar a plenitude dos tempos...*» (cf. *Gl 4, 4*). Estas palavras da Carta de São Paulo aos Gálatas correspondem muito bem ao carácter da celebração hodierna. Estamos no início do novo Ano. Segundo o calendário civil, hoje é o primeiro dia de 1998; segundo o calendário litúrgico, celebramos a solenidade de Maria Santíssima, Mãe de Deus.

A partir da tradição cristã, difundiu-se no mundo o uso de contar os anos a partir do nascimento de Cristo. Portanto, neste dia as dimensões leiga e eclesial encontram-se para fazer festa. Enquanto a Igreja celebra a Oitava do Natal do Senhor, o mundo civil festeja o primeiro dia de um novo ano solar. Precisamente deste modo, de ano para ano, manifesta-se de maneira gradual aquela «plenitude dos tempos», de que fala o Apóstolo: é uma sequência que avança nos séculos e nos milénios de modo progressivo e que terá a sua definitiva realização no fim do mundo.

2. Celebramos a Oitava do Natal do Senhor. Durante oito dias revivemos na liturgia o grande evento do nascimento de Jesus, seguindo a narração que nos é oferecida pelos Evangelhos. Neste dia São Lucas propõe-nos de novo a cena do Natal em Belém, nos seus traços essenciais. A narração hodierna é, com efeito, mais sintética do que aquela proclamada na noite do Natal. Ela vem confirmar e, num certo sentido, completar o texto da Carta aos Gálatas. O Apóstolo escreve: «... ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o Seu Filho, nascido de mulher..., para que recebêssemos a adopção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito que clama: "Abbá! Pai". Portanto, já não és servo, mas filho; e, se és filho, também és herdeiro, pela graça de Deus» (*Gl 4, 4-7*).

Este estupendo texto de São Paulo exprime perfeitamente aquela que se pode definir «a teologia do Natal do Senhor». É uma teologia semelhante àquela proposta pelo evangelista João, o qual no Prólogo do quarto Evangelho escreve: «E o Verbo fez-Se homem e habitou entre nós... A todos os que O receberam... deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus» (*Jo 1, 14.12*). São Paulo exprime a mesma verdade mas, podemos dizer, num certo sentido completa-a. Este é o grande anúncio que ressoa na liturgia hodierna: o homem torna-se filho adoptivo de Deus graças ao nascimento do próprio Filho de Deus. O homem recebe essa filiação por obra do Espírito Santo – o Espírito do Filho –, que Deus enviou

aos nossos corações. É graças ao dom do Espírito Santo que podemos dizer: Abbá, Pai! Deste modo, São Paulo procura explicar em que consiste e como se exprime a nossa filiação adoptiva em relação a Deus.

3. Ajudados por São Paulo e pelo apóstolo João na nossa reflexão teológica sobre o Natal do Senhor, compreendemos melhor a razão por que costumamos contar os anos em referência ao nascimento de Cristo. A história articula-se em séculos e milénios «antes» e «depois» de Cristo, pois o evento de Belém representa a fundamental medida do tempo humano. É o nascimento de Jesus o centro do tempo. A Noite Santa tornou-se o ponto de referência essencial para os anos, os séculos e os milénios nos quais se desenvolve a acção salvífica de Deus.

A vinda de Cristo ao mundo é importante sob o ponto de vista da história do homem, mas é ainda mais importante sob o ponto de vista da salvação do homem. Jesus de Nazaré aceitou submeter-Se ao limite do tempo e abriu-o, uma vez para sempre, à perspectiva da eternidade. Através da Sua vida, e especialmente com a Sua morte e a Sua ressurreição, Cristo revelou de modo inequívoco que o homem não é uma existência «orientada para a morte» e destinada a exaurir-se nela. O homem existe não «para a morte», mas «para a imortalidade». Graças à liturgia hodierna, esta fundamental verdade sobre o destino eterno do homem é reproposta no início de cada Ano novo. Desse modo, são postos em evidência o valor e a justa dimensão de cada época, assim como do tempo que corre de maneira inexorável.

4. Nesta perspectiva do valor e do sentido do tempo humano, sobre o qual se projecta a luz da fé, a Igreja põe o início do novo Ano sob o sinal da oração pela paz. Ao desejar que a humanidade inteira possa caminhar de modo mais decisivo e concorde pelas vias da justiça e da reconciliação, é-me grato saudar os ilustres Senhores Embaixadores junto da Santa Sé, presentes nesta solene celebração. Dirijo um cordial pensamento ao caro Cardeal Roger Etchegaray, Presidente do Pontifício Conselho «Justiça e Paz», e a todos os Colaboradores desse Dicastério, ao qual está confiada a tarefa específica de testemunhar a preocupação do Papa e da Sé Apostólica pelas várias situações de tensão e de guerra, assim como a solicitude constante que a Igreja nutre pela construção de um mundo mais justo e fraterno.

Na mensagem para o Dia Mundial da Paz deste ano eu quis deter-me sobre um tema que me está particularmente a peito: o vínculo estreito que une a promoção da justiça e a construção da paz. Na realidade – como diz o tema escolhido para esta jornada – «*Da justiça de cada um nasce a paz para todos*». Ao dirigir-me aos Chefes de Estado e a todas as pessoas de boa vontade, ressaltéi como a busca da paz não pode prescindir do empenho pela actuação da justiça. É uma responsabilidade a que ninguém pode subtrair-se. «Justiça e paz não são conceitos abstractos nem ideais inacessíveis; são valores inseridos no coração de cada pessoa, como património comum. Indivíduos, famílias, comunidades, nações, todos são chamados a viver na justiça e a trabalhar pela paz. Ninguém pode eximir-se desta responsabilidade» (n. 1).

A Virgem Santíssima, que neste primeiro dia do ano invocamos com o título de «Mãe de Deus», dirija o seu olhar de amor para o mundo inteiro. Graças à sua materna intercessão, possam os homens de todos os Continentes sentir-se mais irmãos e dispor o coração a acolher o seu Filho Jesus. É Cristo a paz autêntica que reconcilia o homem com o homem e a humanidade inteira com Deus.

5. «Deus nos abençoe com a luz do Seu rosto» (*Salmo respons.*). A história da salvação é cadenciada pela bênção de Deus sobre a criação, a humanidade, e o povo dos crentes. Esta bênção é continuamente retomada e confirmada no desenvolvimento dos eventos salvíficos. Desde o Livro do Génesis vemos como Deus, à medida que se sucedem os dias da criação, abençoa tudo o que criou. De modo particular, abençoa o homem feito à Sua imagem e semelhança (cf. *Gn* 1, 1-2, 4).

Hoje, primeiro dia do ano, a liturgia renova, num certo sentido, a bênção do Criador que assinala desde o início a história do homem, retomando as palavras de Moisés: «Que o Senhor te abençoe e te proteja! Que o Senhor faça resplandecer a Sua face sobre ti e te seja benevolente! Que o Senhor dirija o Seu olhar para ti e te conceda a paz!» (*Nm* 6, 24-26).

É uma bênção para o ano que está a iniciar e para nós, que nos preparamos para viver uma ulterior fracção de tempo, dom precioso de Deus. A Igreja, como que se identificando com a mão providente de Deus Pai, inaugura este novo Ano com uma especial bênção, dirigida a cada pessoa. Ela diz: O Senhor te abençoe e te guarde!

Sim, Deus cumule de frutos de bem os nossos dias. Conceda ao mundo inteiro a graça de viver na justiça e na paz! Amém!

© Copyright 1998 - Libreria Editrice Vaticana